

ISABELA FREIXO



QUINZE MINUTOS
PARA O

pôr do sol

해 질 녘까지 십오분

TABLE OF CONTENTS

[Quando tudo foi pelos ares](#)

[Apresentações](#)

[Antes do pôr do sol](#)

[A idade do sucesso](#)

[O misterioso Sr. P](#)

[Café amargo](#)

[Dor-ama](#)

[Cantam as nossas almas](#)

[Alfazemas](#)

[Dançando o reVIRAvolta](#)

[Chamada inesperada](#)

[Jeong](#)

[De volta para a minha terra](#)

[Quem mora no piso superior?](#)

[Formalidades](#)

[Mister Park](#)

[Fogos de artifício](#)

[O Sr. P é um gato!](#)

[Perfume](#)

[Muito bem acompanhada](#)

[Só por hoje](#)

[Entre no personagem](#)

[Sol que me faltava](#)

[Extasiada](#)

[O pacote completo](#)

[Vaso de barro](#)

[À portuguesa](#)

[Derretidos](#)

[Presente coreano](#)

[Pergunte outra vez](#)

[O outono é sempre igual?](#)

[É impossível ser feliz sozinho](#)

[Sem fim](#)

[Princesinha da Ribeira](#)

[No devido lugar](#)

[Chamadas perdidas](#)

[A hora mais bonita](#)

[Família](#)

[Final feliz](#)

[O verdadeiro final feliz](#)

[About The Author](#)

QUINZE MINUTOS
PARA O
pôr do sol
해 질 녘까지 십오분

ISABELA FREIXO

Copyright © 2024 Isabela Freixo

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610 de fevereiro de 1998 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra ficcional inspirada nos k-dramas (novelas sul-coreanas). Qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

Classificação indicativa: +12

Edição: Camila Antunes @camila.autora

Revisão: Camila Lima @camilarevisa

Capa: Mariana Correia @todamarela

Para uma experiência de leitura mais completa, confira a playlist do livro [clikando aqui](#) ou aponte a câmera do seu smartphone para o QR code abaixo.



Cada música corresponde a um capítulo específico, na ordem em que aparecem (a primeira música ao primeiro capítulo e assim por diante).
Aproveite!

ALERTA DE GATILHO

Este livro aborda, ainda que superficialmente, temas sensíveis, como traição, luto, xenofobia e racismo. A leitura não é recomendada para menores de 12 anos.

*“Do nascente ao poente,
seja louvado o nome do Senhor!”*

— Salmos 113:3

*Para todos os que aguardam
o verdadeiro final feliz.*



Quando tudo foi pelos ares

E viveram felizes para sempre. É assim que esta história termina, ou, pelo menos, era a minha esperança. Mas não vamos pôr o carro na frente dos bois. Deixa eu me apresentar primeiro: Monalisa Machado, a protagonista — porque já não sou tão jovem para ser chamada de mocinha —, muito prazer.

Foi no dia 4 de junho de 1993, às 14h de um dia ensolarado de verão, que tal personagem nasceu. Brincadeira! Não vou bancar a narradora que relata os fatos tão do começo assim. O que interessa para esta história são os acontecimentos da véspera desse dia, mas trinta anos depois. Mais precisamente, no banco de trás de um Toyota Auris.

— Obrigada, obrigada, obrigada! — Carol dava beijinhos na minha bochecha. Os dedos longos, ainda melados de Toblerone do Free Shop, seguravam o meu rosto com força. — Olha só pra esse lugar! — E me largou, voltando-se para a janela do carro em movimento. — Aiiiiiii! Tô tão feliz, tão feliz!

O sorriso ia de orelha a orelha e, com o dia lindo colaborando, acabei sendo contagiada. Não havia uma única nuvem no céu azul, e a cidade do

Porto nos saudava com muitas cores em suas construções, nas quais antigo e novo se fundiam em grande beleza.

— Eu nunca vou agradecer o suficiente por você me trazer aqui, Lisa.

— E não precisa — respondi. — Estou feliz de ter você comigo.

— Esses vão ser os melhores dias das nossas vidas! — ela prometeu com o rosto colado ao vidro.

O motorista, mais uma vez, encarou-nos pelo retrovisor como se fôssemos duas loucas. Na verdade, ele nos olhava com estranheza desde a saída do aeroporto. Não o condeno, estávamos mais eufóricas que o normal, mesmo. Ele havia parado o carro para que uma senhora atravessasse a rua, próximo à comprida Praça da Liberdade, em direção à Estação dos Comboios São Bento. O apart-hotel, reservado poucos dias antes, ficava mais à frente, perto do Cais da Ribeira.

— Ah, olha ali o McDonald's que eu vi no Instagram! — Carol apontou. — Podemos parar aqui? Quero muito conhecer e estou com tanta fome!

— Sua primeira refeição na Europa não pode ser fast food, Carolina.

— Ah, por favor, amiga, eu tô doida pra conhecer esse lugar — ela completou e, abrindo a porta, desceu do carro.

Eu me desculpei com o motorista antes de sair atrás dela. Pegamos as malas no bagageiro enquanto eu murmurava baixinho, ouvindo algumas buzinas e desaforos dos carros que ficaram bloqueados pela nossa súbita mudança de planos.

Atravessamos na direção do restaurante. As mesas do lado de fora estavam todas lotadas, e a maioria das pessoas ali pareciam ser turistas como nós. Passamos por entre algumas delas com nossas malas trepidando nas pedras da calçada até alcançarmos a porta.

Carolina sacou o celular do bolso do jeans e fotografou a fachada imponente do restaurante instalado no que um dia fora o Café Imperial, uma construção dos anos 1930. Agora, sob a grande estátua de um pássaro cuja espécie eu não consegui identificar, havia o nome da rede de fast food mais famosa do mundo em letras douradas, acima da porta de entrada, onde duas pilastras sustentavam um grande arco de pedras e alguns vitrais.

— Não é à toa que chamam de “o McDonald’s mais bonito do mundo” — ela pontuou enquanto conferia a foto.

— Você ainda nem viu por dentro.

— Mas olha só essa entrada! — E fez mais algumas fotos.

Um grupo de garotas francesas passou por nós, e a loira e mais alta delas esbarrou em meu ombro. Com meu francês enferrujado, compreendi parte do comentário feito para as amigas sobre *as duas idiotas que bloqueavam a passagem*.

Olhei para nossas bagagens no meio do caminho. Éramos *mesmo* duas idiotas bloqueando a passagem, com duas malas cada — uma de porão e outra de mão — e, para piorar, as minhas ainda tinham estampas de vaquinha. Senti o rosto esquentar.

Para que Carolina me fez descer do carro?

Faltava tão pouquinho para chegarmos ao apartamento, mas, com quatro malas e com as pedras das calçadas, o caminho seria longo. Ainda assim, me esqueci disso quando entramos no estabelecimento. A beleza interior do local me transportou para uma cena de novela de época das seis da tarde, com os vitrais coloridos, lustres de cristal e espelhos por toda parte. Era uma bela distração que me fez esquecer também meu estado emocional nas últimas semanas. Uma pena que todo esse meu bom humor foi arruinado pelos fatos que ocorreram em seguida.

Filas longas e desorganizadas circundavam as telas de autoatendimento, obrigando-nos a ir direto ao balcão para fazer o pedido como nos velhos tempos.

— Deixa que eu peço — Carolina falou com um sorriso empolgado na voz.

Desde o momento em que tínhamos embarcado na aeronave da TAP, ela havia feito questão de ser a porta-voz das nossas férias e assim *falar com nativos*, como havia explicado aos risinhos logo no começo da viagem. E estaria tudo bem se ela não tivesse tanta dificuldade para entender o sotaque carregado do norte de Portugal, ou ao menos se me desse ouvidos em vez de cometer o erro número um dos brasileiros que visitam terras lusitanas pela primeira vez.

— Bom dia, moça. Dois trios do Big Mac, por favor.

— *Pá* comer cá ou *take away*? — perguntou a atendente do lugar numa tacada só e com a cara pouco amistosa.

— Desculpa, moça. — disse Carol. — Não entendi...

— Vamos comer aqui — interrompi.

Do outro lado do balcão, a funcionária registrou o pedido na tela e, sem erguer os olhos para nós, lançou:

— Numerário ou cartão?

— Como é, moça?

— E ainda insiste com isso... Fogo! — murmurou a mulher para a colega ao lado e revirou os olhos.

— Vai ser no cartão — eu me intrometi de novo. Puxei o bendito cartão e o enfiei de uma vez na maquininha. Entre os dentes, expliquei a Carol pela segunda ou terceira vez que, para os portugueses, *moço* e *moça* significam *criado* e *criada*; logo, eles detestam ser chamados assim.

Quando os pedidos saíram, tudo ficou pior. Não achamos lugar para sentar, o que nos obrigou a permanecer de pé com as bandejas e malas no espaço abarrotado de turistas. A única coisa boa foi a limonada de morango geladinha para aplacar o calor. Bebi com o copo ainda apoiado na bandeja, as malas estacionadas entre mim e Carol. Mas, antes de consumir a metade da bebida, o copo despencou após um esbarrão em meu ombro, espalhando todo o conteúdo nos meus tênis novinhos.

— Acho melhor irmos embora — Carolina disse com um sorriso forçado. — Vou pedir pra embrulhar para viagem.

Instantes depois, nossos lanches intocados estavam guardados na mala de mão dela e deixamos o restaurante rumo ao destino do qual não deveríamos ter desviado.

O apart-hotel em que nos hospedaríamos tinha uma localização privilegiada, em uma rua paralela ao rio Douro, próximo à Praça da Ribeira. Levaria só uns dez minutos de caminhada, porém o trajeto foi caótico como o previsto, considerando que éramos duas mulheres, quatro malas e duas bolsas tiracolo driblando pessoas em uma ladeira com mais de um trecho em obras. Para piorar, havia os pombos, as intermináveis pedras da calçada, o verão português com quase quarenta graus de temperatura e a minha enxaqueca de sempre martelando a cabeça de dentro para fora.

Tudo isso foi arrematado pela melodia de “Loucura”, da famosa fadista portuguesa Mariza, cantada com todo o sofrimento típico do gênero musical por uma menina de cabelos cacheados fartos, acompanhada por dois instrumentistas, do outro lado da extensa rua. O som se erguia sobre nós, intensificando-se pelos alto-falantes de um equipamento improvisado.

Carolina se recolheu em um silêncio de culpa e se manteve atrás de mim por todo o trajeto. E eu a teria ignorado até chegarmos ao endereço, se ela não tivesse liberado um grito agudo e repentino.

Assustada, parei no meio da travessia de uma rua transversal e olhei para trás. Um pombo dava um voo rasante rente a ela, que havia largado as malas e se encolhido com as mãos sobre a cabeça. Ainda estava parada na calçada, beirando a esquina.

— É só um pombo! — gritei do meio da rua e ouvi uma buzina alta.

Virei-me depressa na direção do som e, em uma fração de segundo, um vulto veloz e amarelo me atingiu como flecha, enquanto um barulhão rasgava o ar acima do fado. O tempo parou, e os edifícios, de um lado e do outro da rua, começaram a escorregar em um ângulo de 45 graus. Tecidos das mais diversas texturas pipocaram para o alto, ao meu redor, indo em todas as direções numa explosão colorida e fluida sob o céu do Porto. A voz da minha amiga a gritar meu nome com um *i* bem comprido soou distante, sem fim, e outras tantas vozes dos transeuntes se somaram àquela, igualmente lentas.

Mas uma voz específica se sobressaiu. Próxima, forte e grave:

— *Aish[!]*!

A expressão conhecida dos muitos k-dramas que já assisti foi a última coisa que ouvi antes de as minhas costas se chocarem contra o chão e a dor irradiar por todo o meu corpo, fazendo o tempo finalmente voltar a correr da forma habitual.

Apertei os olhos para ajustar o foco.

Os edifícios não tinham escorregado, tampouco havia explosão de cores alguma. Na verdade, um homem em uma Vespa amarela acabava de atropelar a minha mala, e 23 quilos de roupas, acessórios, maquiagens, calcinhas e sutiãs foram espalhados pelos paralelepípedos largos, sobre os quais eu também caí, em uma confusão nada fluida de texturas e cores.

— Você é maluca, por acaso? — ele perguntou em inglês com sotaque coreano ao se colocar de pé, depois ergueu o veículo de duas rodas. — Por que ficou parada no meio da rua feito um poste? Poderia ter causado um acidente mais grave!

Dito isso, o homem tirou o capacete e jogou a franja para trás. Então, estendeu a mão com a maior naturalidade do mundo para me ajudar a me levantar, como se não tivesse acabado de mandar minha mala pelos ares ou me chamar de maluca.

— Idiota! — devolvi no mesmo idioma ao acertar a mão dele com um tapa e me levantei sozinha, dando alguns passos para trás. — Você apareceu do nada com essa coisa. — Apontei para a Vespa.

Ele deu dois passos largos até mim, o que deixava entre nós um espaço ridículo, de tão mínimo.

— Eu não apareci — defendeu-se, e o hálito de menta acertou o meu rosto.

Baixei os olhos para evitar o contato visual e, em um segundo, chequei as roupas de trabalho dele: calça jeans larga bem surrada, botas Caterpillar e um colete verde-musgo cheio de bolsos sobre uma T-shirt cinzenta. Mas ele cheirava bem, como quem ainda não tinha começado o expediente. Usava um perfume cítrico conhecido cujo nome não me lembrei.

— Eu virei a esquina na mão correta e em velocidade adequada — prosseguiu —, mas uma doida qualquer estava parada no meio da rua.

O desaforo me obrigou a esquecer a proximidade. Voltei a encará-lo e me coloquei na ponta dos pés para olhar dentro dos olhos dele.

— Veja como fala comigo, você não me conhece! — O indicador em riste e o inglês despertando de um sono profundo.

Sustentando meu olhar, o homem ergueu o braço direito acima da minha cabeça, e eu preendi a respiração.

Olhei de relance para aquela junção de músculos rijos e veias sobressaltadas com uma grande cicatriz na parte interna, do pulso até quase a altura do cotovelo. Engoli em seco, tentando não me mover nem parecer assustada ou fraca, então olhei de novo para o rosto dele.

O que esse cara está fazendo?, pensei sob a mira daqueles olhos escuros.

— Acho que isso é seu — ele disse num tom irônico ao desprender uma calcinha de renda azul-bebê consideravelmente grande que havia se enroscado na presilha do meu cabelo.

Tomei a peça da mão dele com tanta força que quase a rasgou, e a sombra de um sorriso surgiu no rosto daquele abusado.

Antes que eu pudesse descer a mão na cara dele, Carolina me puxou pelo braço, me fazendo desviar o olhar.

— Você está bem, amiga?

Atordoada, não respondi. Apenas comecei a recolher os meus pertences com uma das mãos enquanto a outra massageava a testa latejante. Extravasava em português e aos gritos toda a minha raiva, em contraste com Carol, que, em silêncio, se agachou ao meu lado e passou a me ajudar.

De repente, alguma coisa foi arremessada contra o meu rosto, cobrindo parcialmente a minha visão. Toquei a malha fria e a puxei para baixo. Era uma camisola de estampa de vaquinha, parte da minha coleção de pijamas nesse padrão.

A poucos metros, o cretino já montado na Vespa tinha no rosto um risinho irritante.

— Olha por onde pasta! — ele gritou em português, deu a partida e sumiu rua abaixo.

— IMBECIL!

Levou um bom tempo até minha amiga e eu recolhermos tudo e guardarmos na mala, que já não fechava. O zíper havia arreventado durante a colisão, mas Carol resolveu o problema amarrando com os cadarços do tênis dela.

— É o mínimo que eu posso fazer depois de tudo o que causei — concluiu, e eu a encarei. — Desculpa, amiga. E deixa que eu levo pra você.

Tomei a mala da mão dela com um puxão e segui o caminho literalmente ladeira abaixo, sendo seguida por uma Carolina tão silenciosa quanto possível em meio a alguns “ais” e “uis” por conta de um ou outro obstáculo.

Chegamos ao nosso destino e, apesar do meu humor arruinado, não pude evitar parar por um instante para apreciar a fachada do edifício histórico e encantador em que nos hospedaríamos. Princesinha da Ribeira;

uma construção de quatro andares revestida por azulejos cor-de-rosa. Pedra marfim tradicional portuguesa emoldurava cada uma das cinco janelas de madeiras brancas em todos os pavimentos, com vasos de flores coloridas pendurados nas sacadas. No segundo e no quarto andar, em vez de janelas, havia portas que davam para varandas cercadas de ferro forjado, e eu me lamentei mais uma vez por só ter encontrado vaga em um apartamento do terceiro andar.

Carolina não se conteve e passou à minha frente, adentrando pela porta principal de madeira branca sob um dos arcos de pedra que davam para a rua e arrematavam a estrutura do térreo, como a maioria dos edifícios da rua. A pequena recepção em tons claros estava vazia, mas, como eu já tinha o código de acesso da porta que o gerente havia me enviado por e-mail, passamos direto para as escadas.

Vou pular o enfado causado por subir três lances de degraus com toda aquela bagagem.

— Uau! Quem diria que esse prédio antigo teria um apartamento tão moderno — Carolina comentou ao entrar na sala de estar em estilo industrial.

Eu a segurei pelo ombro.

— Paradinha aí! — E aponte para os pés dela.

Revirando os olhos, Carol tirou os tênis sem cadarços e os ajeitou junto à porta pelo lado de dentro. Largou a bagagem de qualquer maneira pela sala e correu para o quarto.

— Uma cama de casal? De que lado eu posso ficar?

A janela do quarto rangeu ao ser aberta por ela.

— Tanto faz! — respondi e esfreguei minha região lombar, dolorida pela queda de minutos antes.

Pinguei na mão duas gotinhas do óleo essencial de lavandas que sempre carrego na bolsa, esfreguei as mãos e inspirei o aroma para aplacar a enxaqueca. Abri a janela da sala e dei com as flores amarelinhas suspensas sob o parapeito, que ficavam no chinelo se comparadas com as que vi abaixo de mim na varanda do segundo andar. O chão da pequena sacada estava coberto por vasos de florezinhas lilases. Lavandas, para minha alegria. O

dono ou a dona do apartamento mal conseguia andar por ali, eu supus, de tantos vasos que tinha, mas me proporcionava uma bela vista.

Fui até a cozinha, integrada com a sala, abri a geladeira, me servi de um copo d'água e tomei um analgésico, depois me encaminhei para o banheiro já abrindo o zíper da calça. Fechei a porta e tateei no escuro do cômodo sem janela à procura do interruptor. Como não o encontrei, tornei a abrir a porta para a luz natural entrar. Para a minha surpresa, não havia interruptor.

Voltei para dentro e, com a calça jeans arriada e de braços erguidos para cima, dei alguns pulinhos no cubículo para tentar acionar o acendimento automático. E nada.

— O que está fazendo? — Carolina questionou.

Ergui os olhos e a encontrei parada à porta aberta. Estava de braços cruzados e comprimia os lábios para não rir da cena.

— O que parece que estou fazendo?

— Pulando de bunda de fora num banheiro escuro?

— Eu estou de calcinha! — Virei de costas e ergui minha camiseta comprida para comprovar, revelando a estampa de um *smile* amarelo sobre o tecido turquesa. Em seguida, tornei a me virar para ela. — A luz não quer acender.

— Quer que eu vá ver na recepção?

— Não tinha ninguém lá. Vou enviar uma mensagem para a gerência enquanto faço xixi. Pode me dar licença?

Carol deu uma risadinha e foi em direção ao quarto para me dar um pouco de privacidade. Tirei o celular do bolso da calça, busquei o contato “Edifício Princesinha da Ribeira” e enviei uma mensagem.

“Não há problema algum com a luz da casa de banho”, foi a resposta que recebi da administração do prédio.

— Mas o quê? É claro que há! — falei em voz alta ao digitar com fúria: — “A luz não acende.”

“Garanto que acende”, a pessoa tornou a responder.

Na minha nova mensagem, insisti que enviassem alguém para checar e solucionar o problema.

Minutos depois, duas batidas à porta.

Corri para abrir e...

— Você? — escapou dos meus lábios, então o homem da Vespa, sem mostrar qualquer espanto ao me ver, tirou as botas e entrou.



Apresentações

Uma pena que, dentre todos os coreanos do mundo, eu fui logo conhecer o mais mal-educado de todos. Ao menos ele mantinha o bom hábito de entrar em casa sem os sapatos de rua. Caminhou até o banheiro e acendeu a luz pelo interruptor, que fica. Do lado. De fora. Uma memória foi desbloqueada no mesmo momento, e eu me lembrei desse costume português.

— Quem coloca o interruptor do lado de fora? — Carolina perguntou com espanto.

O homem se virou para nós e, com um sorriso condescendente, respondeu:

— Todos os portugueses. Mais alguma coisa?

Respirei fundo e disse que não, fingindo não notar as covinhas fofas em ambas as bochechas dele.

— Está certo — ele disse. — E acho que não começamos bem, então peço desculpas pela grosseria de antes. — E se curvou para a frente com a

mão direita sobre o peito. — Eu levo os cuidados no trânsito muito a sério e fiquei fora de mim com a imprudência da senhorita.

— Minha imprudência? — Elevei a voz um pouco demais, e Carolina forçou um pigarro, então respirei fundo, apertei os lábios por um momento e só depois completei: — Desculpas aceitas.

À minha fala, seguiu-se um silêncio embaraçoso durante o qual nenhum dos três se encarou.

— Não vai se desculpar também, senhorita Vaquinha? — o cara da Vespa quebrou o silêncio.

— Como é? — Eu cruzei os braços.

Inexpressivo, prosseguiu:

— A julgar pelas malas e a quantidade de peças de roupa com estampa de vacas, creio que a senhorita seja uma admiradora do animal.

— Você me mandou pastar! — Eu me lembrei e apertei as mãos fechadas ao lado do corpo.

Como amante de doramas, eu preciso dizer que sempre imaginei que, quando finalmente conhecesse um coreano bonitão da minha idade, ficaria encantada. Mas, em vez disso, aquele lá me deixou furiosa. De novo.

Ele fechou os olhos e levou a mão ao peito, inclinando o tronco de leve para a frente outra vez.

— Eu sinto muito mesmo. Não vai se repetir, senhorita Vaquinha. — E voltou a sorrir.

— É Monalisa! — avisei entre os dentes, com a mandíbula travada de raiva e a cabeça estourando, como sempre, por isso voltei a massagear as têmporas.

Se não fosse de outro país, eu teria dado um murro na cara dele por me chamar assim, mas decidi lhe dar um desconto. Decerto não sabia o que significa para uma brasileira ser chamada de vaca.

— João — disse ele apontando para si próprio. — Gerente do Princesinha da Ribeira. Ao vosso dispor, senhoritas.

— Muito prazer — respondi, tão ranzinza quanto surpresa. Eu esperava qualquer nome, menos aquele. — E não nos chame de senhoritas, parece que estamos no século passado. Pode nos tratar por tu.

João assentiu e, logo depois, minha amiga se aproximou com a mão estendida.

— E eu sou a Carolina.

— *É uma menina bem difícil de esquecer...* — ele cantarolou enquanto a cumprimentava, arrancando dela uma risadinha.

Aquela traidora.

— Você conhece Seu Jorge! — disse, derretida.

O gerente inclinou a cabeça para o lado.

— Os portugueses consomem muita música brasileira — ele afirmou. — É quase impossível morar aqui e não conhecer. Enfim, espero que tenham uma excelente estadia. Podem chamar sempre que tiverem uma emergência *real* — enfatizou e, pedindo licença, saiu.

Corri e fechei a porta com força, murmurando:

— Que cara mais irritante!

Quando me virei de volta, Carol me olhava com a boca franzida em um biquinho sugestivo, os braços cruzados como havia feito à porta do banheiro antes de o gerente chegar.

— Que é? — perguntei.

— Quais eram as chances de você ser atropelada por um coreano, em Portugal, e ele ainda ser o gerente do nosso hotel? — questionou com um sorrisinho, e eu bufei. — Fala sério! Você tem de admitir que esse foi um *meet-cute*^[2] dos bons!

— Uma ova, Carolina! E a culpa é toda sua.

— Ok, ok. — Ela pegou a bagagem e foi em direção ao quarto. Antes de entrar, porém, se voltou para o corredor e gritou: — Mas agora você tem um dorama pra chamar de seu! — E, aos risinhos, fechou a porta.



Antes do pôr do sol

A mesma Carolina que havia me feito descer do Uber antes do destino final porque precisava desesperadamente turistar, se rendeu ao cansaço pós voo e dormiu. Eu tomei um analgésico e, após um longo banho, arrumei meus pertences no guarda-roupa ao som dos roncos da minha colega de quarto.

Passei o resto da tarde descansando no sofá enquanto colocava os doramas em dia e, por volta das oito, saí para fazer o que ansiava desde o momento em que comecei a planejar essa viagem. Na verdade, era para não perder a hora que eu não tinha ido dormir também.

Saí de fininho para não acordar Carol. Queria mesmo ir sozinha. A passos apressados e de olho no aplicativo do mapa, fiz o caminho pelas vielas estreitas até a ponte D. Luís I. Essa construção do século XIX é o principal ponto turístico da região e uma das seis pontes que conectam as cidades do Porto e Vila Nova de Gaia sobre o rio Douro. Eu quis desacelerar para apreciar melhor a estrutura em arco de dupla plataforma banhada pela luz do sol poente, mas precisava correr se quisesse chegar a tempo.

Conferi as horas: 20h19. Apertei um pouco mais o passo, driblando as pessoas que transitavam pela parte inferior da ponte e turistas parados posando diante do espetáculo da hora de ouro.

Ao fim da travessia, restavam ainda alguns bons minutos de subida até a Igreja da Serra do Pilar, mas não desanimei. Segui caminho acima tão rápido quanto possível e, um pouco mais suada que no início da jornada, cheguei ao mirante da igreja histórica, construída no alto de um dos morros às margens do rio Douro.

Aproximei-me da grade, ofegante, e suspirei diante da vista. Lá embaixo, estava a ponte com seu arco metálico imponente. Atrás dela, a cidade do Porto, colorida por prédios similares com inúmeras janelas quadradinhas brilhando sob o pôr do sol. As águas do rio dourando-se com os raios incidentes ganhavam pontilhados áureos conforme as luzes da cidade se acendiam. Havia muitos barcos atracados às margens, de um lado e do outro, em tamanhos variados. Uma brisa fazia subir o cheiro doce das cafeterias, que se misturava à maresia das águas salgadas não muito distantes, e balançava as árvores ao redor da igreja.

Então fui transportada dezessete anos no tempo, quando minha versão adolescente havia encontrado, naquele mesmo lugar e vista, gotas de encantamento em meio a um oceano de dor causado pelo luto; como um bálsamo vindo dos céus.

Alguns casais apaixonados prendiam cadeados às grades do miradouro, e as dezenas de turistas se apertavam sobre elas buscando a foto perfeita da paisagem.

Mas não eu.

— Obrigada — falei baixinho para o céu rosa e laranja acima de mim em uma oração de gratidão.

Embora meu peito ainda pesasse pela falta dos meus pais, eu sentia o cuidado do Pai Celestial, que havia me encontrado no meu caos e nunca me desamparava. Eu não era a mais grata das filhas todos os dias, nem a mais piedosa, mas estava consciente de que Ele me via além dos meus erros e fracassos. Aquele pôr do sol era mais uma das provas de Seu inexplicável amor.

Quis dizer mais algumas palavras, mas nada parecia ser o bastante para expressar o que havia em meu coração. Como eu poderia retribuir tudo o que Cristo tinha feito por mim ao longo de três décadas de vida?

Só o que consegui produzir foram algumas tímidas lágrimas. Funguei o nariz e peguei o lenço de papel que pairava no ar diante dos meus olhos, então sequei o rosto. No meio do movimento, despertei do transe. *Lenços de papel não pairam no ar desse jeito!*

Virei para a esquerda e ali estava João, olhando a cidade lá embaixo por sobre o meu ombro. Abri a boca, desacreditada, e posso dizer que paralisei nesse estado até o momento em que ele se virou para mim com aquele olhar simpático inesperado.

— Você me seg...

— A palavra que a senhorita está a procurar é *obrigada* — ele me interrompeu, quebrando o momento de torpor. — E não acha que tenho coisa melhor para fazer além de segui-la?

— Aparentemente, não.

— Vim trazer alguns turistas. — Ele apontou para o pequeno grupo pouco mais adiante.

— É guia, por acaso?

— Sempre que posso — respondeu com um sorriso convencido, revelando o chiclete entre os dentes no cantinho da boca. E eu desviei os olhos do rosto dele. — Da próxima vez, se quiser aproveitar a paisagem ao máximo, chegue aqui quinze minutos antes. O quarto de hora que antecede o pôr do sol é a hora mais bonita do dia. Dizem que o quarto de hora depois dele também é, mas eu prefiro o antes ao depois.

Esse cara não vai fechar a matraca?, era só o que eu conseguia pensar enquanto olhava para alguns fios do cabelo negro desalinhados no topo da cabeça dele.

— Certo. Eu vou indo, então — respondi com pressa, ansiosa para pôr um fim ao monólogo. Então me virei e dei os primeiros passos para o caminho de volta, o lenço de papel embolado em minha mão.

— Senhorita Vaquinha? — João chamou.

Cerrei os dentes e, apertando com mais força a bolinha de papel, virei-me de volta para ele.

— Não me cham...

— Ah, sim, preferes o *tu*. — Ele forçou um tom de voz amistoso, como se a formalidade fosse o grande problema em questão. — Quando *tu* chegares ao outro lado da ponte, siga pelo Cais da Ribeira até a praça e depois suba em direção ao prédio pela Rua dos Mercadores. Esse caminho é mais iluminado e mais seguro que passar pelas vielas. Sempre podem aparecer bêbados mal-intencionados.

— Ok — respondi ao dar alguns passos para trás.

— Gravaste o caminho? — ele perguntou. Sustentava no rosto uma expressão séria.

— Cais, praça, Rua dos Mercadores — repeti antes de dar as costas e me afastar de vez, triste por ter que dar adeus àquela vista.

Cheguei de volta ao outro lado da ponte pouco depois das nove e meia da noite, mas parecia seis da tarde. O Cais da Ribeira estava abarrotado de gente, que andava sem pressa pelo calçadão e pela rua de pedras entre o rio e as dezenas de mesas dos restaurantes ribeirinhos.

Comprei uma Coca-Cola em um bar menos cheio e ajustei meu passo ao ritmo preguiçoso da maioria, me permitindo curtir aquela noite de verão. Lancei dois euros ao chapéu de um pintor cercado de outros admiradores como eu. Ele retratava em tinta a óleo um dos barcos atracados, com a ponte em segundo plano, já bem distante.

Ergui os olhos para checar o realismo do quadro e confirmei que havia me afastado bastante da ponte e da Praça da Ribeira, mas não me incomodei em refazer o caminho tão rápido. No mesmo ritmo vagaroso, apreciei tudo ao meu redor enquanto caminhava na direção inversa até chegar à praça, onde me sentei e ouvi oito das músicas cantadas por um rapaz muito talentoso. Uma seleção dos anos 1980 e 1990 muito bem executada pela voz doce e por um violão.

O toque do meu iPhone interrompeu o refrão de “Don’t Stop Believin’”^[3]. Era Carolina.

— Onde você está, Monalisa? Já é quase meia-noite!

Afastei o celular da orelha para ver o relógio e conferi que ela dizia a verdade.

— Desculpa, amiga, me distraí. Chego aí em um instante.

Levantei-me rapidinho e subi a Rua dos Mercadores conforme o Sr. Gerente havia sugerido. O caminho não só acabou por ser mais iluminado e seguro, mas também mais rápido. Pensava no jeito de sabichão daquele cara irritante quando entrei no Princesinha e o vi atrás do balcão da recepção, mexendo no computador e mascarando chiclete.

— Ainda aqui?

— Ainda na rua? — ele devolveu.

Ajustei a alça da bolsa sobre o ombro e me preparava para responder “não é da sua conta”, quando João completou:

— Espero que a senhorita tenha, ao menos, seguido o caminho que sugeri.

— Espero que esse não seja o mesmo chiclete daquela hora — retruquei com a sobancelha erguida.

Ele deixou uma risada escapar pelo nariz e disse:

— A embalagem vem com mais de um, sabia?

Eu dei de ombros.

— E, então, seguiu ou não?

— Segui, sim. Obrigada pela dica — respondi, contrariada.

João deu um sorriso enviesado, meio convencido, revelando uma das covinhas.

— E jantaste?

— Por que quer saber?

— Se alimentar é importante. — Ele moveu a cabeça em sinal positivo para enfatizar.

— Eu comi, sim — respondi, apesar de a tal refeição ter sido muitas horas antes e, para me matar de vergonha, meu estômago roncou.

Timing perfeito!

Ele prendeu os lábios para não rir, e eu avancei em direção à escada enquanto massageava a testa, pois a enxaqueca ameaçava voltar.

— Uma boa noite para ti *também* — ironizou.

Revirei os olhos e dei meia-volta para vê-lo.

— Boa noite — falei entre dentes.

Em resposta, João levou a mão ao peito e inclinou o tronco para a frente.

— Obrigado — respondeu com ironia e voltou a corrigir a postura. O movimento fez o cabelo liso e escuro se espalhar e lhe cobrir toda a testa. Com uma das mãos, jogou-o para trás, obrigando a franja farta a se repartir de novo e formar uma mecha um pouco mais volumosa do lado esquerdo.

Fiquei presa no primeiro degrau enquanto observava a cena: os fios do cabelo se assentando, as covinhas se intensificando, os olhos desprezíveis soltando aquele brilho sardônico inconfundível. Então o sino de uma igreja próxima tocou as badaladas da meia-noite e João me desejou feliz aniversário.

Balancei a cabeça para fazê-la voltar a funcionar.

— Como é?

— Feliz aniversário — ele repetiu. — Já é 4 de junho.

Minhas sobrancelhas se uniram no centro da testa.

— Como você sabe?

— Os teus dados estão no *registro* de hóspedes, e eu tenho uma memória muito boa.

Coloquei as mãos na cintura.

— E a lei de proteção de...

— Os dados estão perfeitamente protegidos, só eu tenho acesso — ele garantiu, levando a mão ao peito outra vez.

— Quer parar de me interromper?

— Não tenho culpa se sou obrigado a conferi-los e se minha memória é boa — prosseguiu, ignorando o meu pedido. — E por amor de Deus! Não podes só aceitar as minhas felicitações?

Eu soltei o ar pela boca com força.

— Obrigada — respondi.

João anuiu com um sorriso no canto dos lábios, como quem ganhava a pequena discussão.

— E bem-vinda aos trinta! — completou.

— Você se lembra do ano também?

— Memória boa demais — repetiu ao apontar para a própria cabeça e me lançou uma piscadela.

O gesto fez meus lábios se entreabrirem, e os cílios varreram o ar várias vezes enquanto eu dizia:

— Pois é, que droga... — A voz num tom frívolo. Para piorar, guardei uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Sim, trinta anos, infelizmente.

— Nunca mais repitas esta asneira! — repreendeu-me o Sr. Gerente de imediato, saindo de trás do balcão. O movimento repentino me fez estremecer. Ele caminhou até a escada, e eu, por precaução, subi de costas mais um degrau. Àquela curta distância, João mirou duramente os meus olhos e disse: — A única alternativa a envelhecer é morrer, e tu não queres isso.

Engoli em seco e, sustentando o olhar desafiador dele, respondi:

— Acho que isso não é da sua conta.

João não retrucou nem se moveu. Manteve os olhos escuros daquela forma inquietante, como se estivessem à procura de algo, e senti meu rosto queimar, então cedi e desviei o olhar para os meus pés, a um degrau de distância dos dele.

— Sinto muito — disse o Sr. Gerente, por fim, em um tom mais ameno, me obrigando a erguer os olhos outra vez.

— Pelo quê?

Ele subiu o primeiro degrau em minha direção, encurtando ainda mais a distância entre nós.

— Por quem a senhorita perdeu — falou com a voz baixa e solene, quase carinhosa, eu diria, mas que me atingiu como um jato de água gelado e repentino, congelando meus lábios por um instante.

O rumo que a conversa havia tomado não era apenas inesperado, mas também um grande inconveniente. Eu não queria passar os primeiros minutos do meu aniversário com um completo estranho e muito menos falando sobre as minhas perdas.

— Você é sempre tão intrometido assim? — Cruzei os braços diante do peito. — E está me chamando de senhorita de novo!

Ele desceu o degrau com um passo para trás.

— Peço desculpas — falou baixando a cabeça brevemente.

Eu não respondi. Apenas dei as costas e subi os três andares para o meu apartamento numa tacada só.



A idade do sucesso

Carolina me esperava no sofá e cantou parabéns assim que entrei. Depois, é claro, quis saber onde eu estava. Conteí a ela um resumo do passeio, omitindo o momento com Deus no miradouro e os encontros com o Sr. Gerente.

Após uma boa noite de descanso, o dia do meu aniversário foi recheado de passeios por alguns dos principais pontos turísticos da cidade, uma rápida passada no shopping e muitas fotos feitas pela minha companheira de viagem, já que eu estava dando um tempo das redes sociais.

— O que acha dessa pulseira? — Carol ergueu uma delicada corrente prateada com uma placa redonda no centro. Acabávamos de entrar nessa loja com diversos tipos de acessórios.

— É bonita — respondi e peguei o celular para verificar o grupo do trabalho.

— E tem esse espacinho para gravar! — ela disse ao apontar para a plaquinha e, empolgada, completou: — Vou comprar duas para a gente!

— Não estamos muito velhas para pulseira da amizade? —
questionei sem erguer os olhos.

— São só pulseiras iguais. Deixa de ser chata. Vamos! — Ela agarrou meu braço e me arrastou até o balcão. — O que quer gravar na sua?

Olhei para cima e, ao encarar o inexpressivo atendente, abri um sorriso. Minha mente se iluminou naquele momento. Já fazia um tempinho que eu sentia vontade de fazer uma tatuagem específica, mas no fundo sabia que nunca teria coragem para isso. Então gravar a palavra que eu tinha em mente numa pulseira, em vez de na pele, seria a solução perfeita.

— *Jeong*.

— É o quê?

— É uma palavra coreana, Carolina. — E me voltei para o meu aparelho a fim de digitar algumas instruções importantes para o pessoal da agência.

— Isso, eu imaginei, mas o que quer dizer?

— Não tem tradução específica — falei devagar em meio à digitação da mensagem. — É difícil de explicar o significado.

Carol tomou o celular da minha mão, o que me obrigou a olhar para ela.

— Quer parar de trabalhar nas férias? — protestou. — Deixamos tudo muito bem programado, e eles vão pedir socorro se algo der errado. E agora você pode pelo menos *tentar* explicar o que é esse troço que você quer gravar no meu presente?

Eu estalei a língua no céu da boca.

— O presente é pra mim ou não?

— Não vou te dar uma coisa que não entendo. — Ela levou as mãos à cintura, as pulseiras pendendo rente ao tronco e o meu celular do outro lado. — Explica logo.

— Então... — Suspirei. — *Jeong*^[4] é uma conexão, uma força que une duas ou mais pessoas, e envolve vários tipos de sentimentos, sabe? Como amor, carinho e lealdade, por exemplo. É basicamente isso e... me faz lembrar dos meus pais — falei baixinho essa última parte.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Quinze minutos para o pôr do sol" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).